

Ashaninkas: do Acre para o mundo - 21-dezembro-2000

Local: Acre

Fonte: A Gazeta

Link: <http://www.mdnet.com.br/agazeta>

EZÍ MELO

Enviado Especial a Thaumaturgo

De Marechal Thaumaturgo, cidade na fronteira do Acre com o Peru, considerada a pior do Brasil para uma criança se desenvolver - segundo o Índice de Desenvolvimento Infantil (IDI) do Fundo das Nações Unidas para Infância (Unicef) - surge um exemplo de organização que começa a ser divulgado para o resto do mundo.

São os índios ashaninkas do Rio Amônia, uma das tribos mais organizadas do Acre. Eles já mostraram seu filme e suas músicas - registradas em um CD - em São Paulo e Brasília e se preparam para uma apresentação no Rock In Rio. No dia da programação dedicado ao meio ambiente, 20 de janeiro, um grupo mostrará as músicas tradicionais da tribo na tenda "Por um mundo melhor".

Entre outras personalidades, estarão presentes na tenda o ministro do Meio Ambiente Sarney Filho, a senadora Marina Silva (PT-AC) e o idealizador da Eco 92, Maurice Strong. A organização do evento cogita ainda a participação dos cantores Gilberto Gil e Milton Nascimento.

A tribo Ashanika está localizada a quatro horas de barco da sede de Marechal Thaumaturgo. A GAZETA esteve no local na semana passada e registrou os preparativos para a participação no Rock In Rio e um pouco da rica cultura dessa tribo descendente dos incas.

Exemplo de organização

Desde 1993 que os ashaninkas possuem escola, que ensina as disciplinas comuns e conhecimentos tradicionais na língua nativa e em Português. A aldeia tem uma cooperativa fundada em 1990, a Associação dos Ashaninkas do Rio Amônia, que tem como nome fantasia Apiwtxa (unidos).

Há cerca de sete anos que eles desenvolvem ações na área de meio ambiente, como um programa de reflorestamento e a coleta e venda de sementes de madeiras nobres da região. Três hectares de terra já foram reflorestados na área indígena de 87.205 hectares, demarcada em 1992.

Os ashaninkas têm ainda um plantio de árvores frutíferas e desenvolvem a apicultura a partir de técnicas próprias. Através de pesquisas auxiliadas pelo Centro de Pesquisas Indígenas, uma ONG de São Paulo presidida por Ailton Krenak, eles descobriram que o coco da palheira murmuru tem um óleo de excelente qualidade para fabricação de cosméticos.

Em associação com o técnico que ajudou nas pesquisas os ashaninkas montaram em Cruzeiro do Sul, a 700 quilômetros de Rio Branco, uma fábrica de sabonete natural, com capacidade de trabalhar 600 toneladas de óleo de murmuru por ano. A partir de 2001 a fábrica começa a produzir e vai receber matéria-prima de toda região do Vale do Juruá, onde o murmuru é abundante.

Repassando conhecimentos

Devido a organização, a tribo Ashaninka do Amônia, onde vivem cerca de 350 pessoas divididas em duas aldeias (uma com 300 pessoas e outra com 50), começa a servir de exemplo para todo município de Marechal Thaumaturgo. Francisco Pianko, 33, filho mais velho do cacique Antônio Pianko, 58, será o secretário municipal de Agricultura e Meio Ambiente de Marechal Thaumaturgo.

"Vamos incentivar a agricultura, implantar um programa de preservação e exploração racional dos recursos da floresta, sempre buscando a melhoria de vida das pessoas, como uma alimentação melhor", diz o índio.

Misturar raças para sobreviver

Os ashaninkas não aceitavam o casamento com outra raça, mas Francisco Pianko conta que para a tribo se desenvolver e conseguir sobreviver enfrentando os brancos, seu avô, Samuel Pianko, que era o kuraka (cacique) da tribo misturou as raças. “A gente não era ouvido e meu avô decidiu que meu pai iria casar com uma branca para ter filhos que teriam a responsabilidade de garantir a existência de nosso povo”, explica.

Antônio Pianko casou com Francisca, que morava na sede de Marechal Thaumaturgo e cuja família era conhecida da tribo. “Nem a tribo nem a família dela queriam o casamento, mas meu avô se responsabilizou”, explica. Francisca recebeu o nome indígena de Sxametxo e o apelido de “Piti”, como é tratada até hoje.

Do casamento de “Piti” e Antônio (hoje cacique da tribo) nasceram sete filhos. Cada um deles tem uma função dentro da tribo. Francisco, 33, faz a parte política, como contatos com o mundo externo. Moisés, 31, é o presidente da associação (Apiwtxa). Isac, 30, responde pela educação na tribo, é professor, possui o curso do Magistério e vive na aldeia. Benki, 28, é o responsável pelo setor agroflorestal. Dora, 27, é agente de saúde. Bebito, 25, que é mais parecido com a mãe (branco dos olhos verdes) é professor e Alexandrina, 22, mora em Cruzeiro do Sul e recebe e ajuda os irmãos quando estão na cidade.

CD retrata dia-a-dia na aldeia

Em outubro os ashaninkas lançaram o primeiro CD da tribo com as músicas mais tradicionais de sua nação. São cantos utilizados nos rituais de festas e que retratam todos os momentos de seu povo, como a alegria, a tristeza, a vida e suas crenças e lendas. As músicas do CD foram mostradas em shows em São Paulo, no Sesc Ipiranga, no Itaquera e no Pompéia.

Os ashaninkas produzem com materiais extraídos da floresta os seus instrumentos, que são o sōkari (flauta), o tãpo (tambor) e o pionbirentsi (arco de boca). Segundo suas crenças, Pawa (o sol, deus maior dos ashaninkas) foi quem os ensinou a produzir os instrumentos. Milton Nascimento - A tribo Ashaninka é uma das que possuem mais musicalidade em suas canções, fator que inspirou Milton Nascimento em várias composições do disco Txai (da língua kaxinawá, que significa primo).

O disco Txai foi gravado depois de Milton Nascimento estar por dois dias na aldeia ashaninka, em 1990. Ele dedicou uma das músicas a Benki Pianko, 28, um dos filhos do cacique. Benki agora participa do CD da tribo e é um dos integrantes do grupo que se apresentará na tenda “Por um mundo melhor”, no Rock In Rio.

Filme registra a cultura ashaninka

Além do CD, os ashaninkas produziram um filme sobre sua tribo. É o Ari Okãta Haka (Aqui é assim) que participou do 33º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Em São Paulo, foi exibido no Cine Sesc da rua Augusta. Em abril participa do Festival de Cinema na Cidade do Porto, em Portugal.

O filme dos ashaninkas está sendo traduzido para o Inglês e será apresentado em janeiro na Holanda, para uma série de agências de cooperação técnica. A exibição faz parte da organização de futuros shows do grupo na Europa..

Pawa, o deus da nação

A cultura ashaninka se assemelha à da civilização Inca, que viveu no Peru até a colonização. Suas crenças são iguais e suas tradições mantidas. A língua é do tronco lingüístico arawak. O sol (Pawa) é o deus criador a quem adoram. O pajé (sheripiyari) possui os conhecimentos da cura, repassados por Pawa.

O ayuaska (bebida feita de cipó e folhas, conhecida na cidade como Santo Daime) é usado pelos índios em seus rituais. Quando bebe ayuaska e entoia as músicas da tribo, sheripiyari tem visões onde os conhecimentos de Pawa são repassados, como as plantas que curam e os caminhos do bem e do mal.

Os conhecimentos de Pawa são passados ao sheripiyari através do inpokiomay (estrela que tem mistérios), do thōkiri (beija-flor), do txowa (japó, pássaro mensageiro de Pawa e guia dos pajés) e do kashekari (onça com a

qual caminha o espírito do pajé).

Origem no Peru

Segundo a história dos ashaninkas, repassadas de pai para filho, a nação vivia no Peru junto com outras tribos que faziam parte da grande civilização inca. Com a invasão espanhola e desentendimento entre os chefes das nações, as tribos se separaram e parte dos ashaninkas passaram a viver na selva amazônica. Algumas no lado que depois foi tornado brasileiro.

Hoje são cerca de 70 mil no Peru, onde possuem grande representação política, como prefeitos e deputados. No Acre são cerca 800 a 1.000 ashaninkas, divididos nas aldeias do Amônia, Alto Envira e no Breu.

Artesanato ainda é base da economia

O artesanato é hoje a base da economia dos ashaninkas. Eles produzem cerca de 80 peças diferentes, que são vendidas em suas viagens e apresentações a preços muitas vezes considerados altos. É a única tribo do Acre que tem tecelagem própria, assim como os incas.

Eles plantam e fiam manualmente o algodão, do qual, no processo mais artesanal, produzem suas vestes (kushmas), suas bolsas (thato), capuzes (txowinha) e a tipóia (kayetawotsi). Cada ashaninka produz por ano três kushmas, que são pintadas em cores fortes com tintas retiradas de árvores da floresta. Com cipós e penas de arara os ashaninkas fazem seus chapéus (amateyre). Seus colares são produzidos com sementes (murmurú, cumarú e outras) e penas de aves da floresta, principalmente de araras. Em cada show que realizam eles arrecadam entre R\$ 5 mil e R\$ 10 mil, com a venda dos artesanatos e até de seus instrumentos. Cada kushma é vendida a R\$ 200,00 e um tambor a R\$ 100,00.

A vaidade - O artesanato dos ashaninkas é uma das provas que são vaidosos. Gostam das vestes, dos adornos e de se pintar. Quando amanhece o dia, seja dia de festa ou não, eles se pintam antes das atividades. As pinturas, em vermelho e preto, são feitas da tinta do urucum. Os desenhos tanto das pinturas na pele, como dos artesanatos, se assemelham aos traços do incas.